

ENTRE A CORDILHEIRA DO ATLAS E O MACIÇO DOS PIRINEUS: A ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E GÊNESE DO APARELHO CONCEITUAL DE PIERRE BOURDIEU.

ENTRE LA CORDILLERA DEL ATLAS Y EL MACIZO DE LOS PIRINEOS: LA ETNOGRAFÍA COMO PRÁCTICA Y GÉNESIS DEL APARATO CONCEPTUAL DE PIERRE BOURDIEU.

BETWEEN THE ATLAS MOUNTAINS AND THE PYRENEES MASSIF: ETHNOGRAPHY AS PRACTICE AND GENESIS OF PIERRE BOURDIEU'S CONCEPTUAL APPARATUS

SALES, JOSÉLIO DOS SANTOS

Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA - UFPB) e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (2012). Concluiu a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: zeliosales@gmail.com

SANTIAGO, MARINA PRADO

Mestra em Antropologia Social na linha de Território, Identidade e Meio Ambiente (PPGA/UFPB), Doutorado em andamento em Pós-graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil.
E-mail: slowhostel18@gmail.com.

RESUMO

A transição de Pierre Bourdieu da Filosofia para as Ciências Sociais é marcada definitivamente pelos trabalhos realizados tanto na Argélia, durante a ocupação francesa, quanto no Béarn, sua terra natal, formando epistemologia e sua ação política. Ao compreendermos isso, percebemos que os conceitos que ele desenvolveu para interpretar o mundo social e as categorias analíticas que empregou não surgiram do vazio metafísico. O conjunto conceitual emerge do aprofundamento na análise de dados e na observação empírica que ele utilizou para compreender as estruturas econômicas e temporais, possibilitando a transformação social nos dois campos de estudo. Conceitos como *habitus*, condicionamentos sociais e culturais vividos pelas formações modernas e incorporados pelos agentes, atravessados por estas mesmas formações modernas, foram guiados pelas questões empíricas, justamente por estarem centrados nas questões sociais analisadas por ele. A pesquisa empírica permitiu que ele testasse hipóteses, comparasse as transformações em sua cidade natal e na Argélia, observasse a compreensão do tempo e o mundo econômico para validar sua teoria. Para isso, ele utilizou instrumentos metodológicos como fotografia em situações extremas, como uma guerra, para melhor analisar o drama vivido pelos argelinos. As fotografias ou disposições nelas incorporadas também serviram para compreender os corpos de seus conterrâneos. Desse modo, o aparelho conceitual empregado por Bourdieu, emerge de seu trabalho no campo.

PALAVRAS-CHAVE: : Argélia; Béarn; estruturas econômicas; estruturas temporais; *habitus*.

RESUMEN

La transición de Pierre Bourdieu de la Filosofía a las Ciencias Sociales está definitivamente marcada por los trabajos realizados tanto en Argelia, durante la ocupación francesa, como en Béarn, su tierra natal, dando forma a su epistemología y su acción política. Al comprender esto, nos damos cuenta de que los conceptos que desarrolló para interpretar el mundo social y las categorías analíticas que empleó no surgieron de un vacío metafísico. El conjunto conceptual surge del análisis profundo de datos y observación empírica que utilizó para comprender las estructuras económicas y temporales, posibilitando la transformación social en ambos campos de estudio. Conceptos como *habitus*, condicionamientos sociales y culturales experimentados por las formaciones modernas e incorporados por los agentes, atravesados por estas mismas formaciones modernas, fueron guiados por preguntas empíricas, precisamente porque se centraron en los problemas sociales analizados por él. La investigación empírica le permitió probar hipótesis, comparar las transformaciones en su ciudad natal y en Argelia, observar la comprensión del tiempo y del mundo económico para validar su teoría. Para lograr esto, utilizó herramientas metodológicas como la fotografía en situaciones extremas, como la guerra, para analizar mejor el drama vivido por los argelinos. Las fotografías o disposiciones incorporadas en ellas también sirvieron para comprender los cuerpos de sus compatriotas. De esta manera, el aparato conceptual empleado por Bourdieu emerge de su trabajo en el campo.

PALABRAS CLAVES: Argelia; Béarn; estructuras económicas; estructuras temporales; *habitus*.

ABSTRACT

A transition of Pierre Bourdieu from Philosophy to Social Sciences is definitively marked by the works carried out both in Algeria, during the French occupation, and in Béarn, his homeland, shaping his epistemology and political action. Understanding this, we realize that the concepts he developed to interpret the social world and the analytical categories he employed did not emerge from metaphysical void. The conceptual framework arises from a deep dive into the analysis of data and empirical observation that he used to understand economic and temporal structures, enabling social transformation in both fields of study. Concepts such as habitus, social and cultural conditioning experienced by modern formations and internalized by agents, intersected by these same modern formations, were guided by empirical questions, precisely because they were centered on the social issues he analyzed. Empirical research allowed him to test hypotheses, compare transformations in his hometown and in Algeria, observe the understanding of time and the economic world to validate his theory. To achieve this, he utilized methodological tools such as photography in extreme situations, like war, to better analyze the drama experienced by Algerians. The photographs or arrangements incorporated in them also served to understand the bodies of his compatriots. Thus, the conceptual apparatus employed by Bourdieu emerges from his fieldwork.

KEYWORDS: *Algeria; Béarn; economic structures; temporal structures; habitus.*



INTRODUÇÃO

A transição de Bourdieu da Filosofia aconteceu em um momento conturbado: a guerra de independência da Argélia. Ali não estava apenas um soldado, mas um intelectual atento, preocupado com método e categorias analíticas. No meio do conflito, ele testou hipóteses e formulou teorias a partir do observado e do medido pela lente da estatística. Podemos, assim, dizer que teve o privilégio de estar por dentro do Estado Francês e observar seu *modus operandi*, mas também de ver, ouvir e fotografar a vida dos camponeses que tinham suas vidas transformadas pela ocupação francesa, da campanha de deslocamento das populações, apropriações de suas terras e da imposição de uma nova racionalidade temporal e econômica. Desse modo, ele não apenas descreveu o que viu em textos, mas pôde recortar aquela realidade em quadros e instantâneos enquanto a história se desenvolvia. Além de observador atento, o pensador francês foi uma espécie de repórter fotográfico da guerra. As imagens permitiram a descrição do horror ao mostrar os espaços de bombardeio e as pessoas que estavam nesse fogo cruzado.

Destaca-se assim, na trajetória de transição e consolidação de Pierre Bourdieu no campo das Ciências Sociais o impacto das pesquisas empíricas coordenadas por ele e realizadas por volta de 1960, em resposta a uma solicitação do *Commisariat au Plan* e da *Caisse d'équipement pour le développement de l'Algérie*. Tais pesquisas associaram pesquisadores do Insee - *Institut national de la statistique et des études économiques*, responsável pela coleta, produção, análise e disseminação de informações sobre a economia e sociedade francesa - à equipe de investigações sociológicas e etnográficas coordenadas por Pierre Bourdieu (Garcia Júnior; Garcia-Parpet, 2022). A cooperação pluridisciplinar entre o trabalho estatístico e as competências das Ciências Sociais, além de permitir uma maior lucidez na pesquisa, ampliou as percepções diante das especificidades existentes nas relações sociais na Cabília, influenciando substancialmente as estratégias de coleta que se adaptavam constantemente às circunstâncias das realidades de pesquisa naquele contexto e da análise posterior dos resultados. Para além da questão técnica, metodologicamente o trabalho pluridisciplinar corroborou também na redução das barreiras estruturais entre disciplinas que muitas vezes competiam por um maior destaque na prática das Ciências Sociais.

A singularidade e originalidade das equipes formadas à época, nem sempre receberam o devido destaque, haja vista o contexto colonial-bélico no qual tais pesquisas aconteceram e que sem dúvidas impacta pela hostilidade das circunstâncias. No entanto, é de grande relevância, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de métodos e categorias analíticas, o papel desempenhado pela interseção de especialistas de diferentes áreas, integrados às equipes sob coordenação de Bourdieu. Essa integração proporcionou uma maior excelência nas análises dos dados coletados sobre os deslocamentos impostos às populações rurais, por exemplo.

Diante de dados estatísticos obtidos no recenseamento, que apontavam uma notável disparidade entre a taxa de atividade declarada no cenário urbano da Argélia e a baixa taxa de desemprego observada nas áreas montanhosas, onde a economia tradicional predominava, tornou-se evidente a importância da reconstituição dos modos de existência da economia camponesa tradicional na Cabília (Garcia Júnior; Garcia-Parpet, 2022), para conseguir amparar uma compreensão mais próxima dos reais desafios impostos àquelas populações. O impacto das contribuições geradas, quando as práticas de etnografia são associadas aos métodos estatísticos, sobretudo ao estudar sociedades em mutação, são enaltecidas por Pierre Bourdieu.

Em meio a um contexto adverso, estratégias eram elaboradas para viabilizar a pesquisa. Entre os diversos desafios enfrentados, a preocupação em buscar garantir seu deslocamento para com isso assegurar a continuidade da pesquisa, fez com que Bourdieu carregasse consigo uma autorização para cruzar as áreas de conflito. Além dessa espécie de salvo-conduto, portava uma câmera fotográfica, com a qual captou o horror da guerra, a vida cotidiana, tornando-se, dessa maneira, uma ferramenta importante para análise futura daquele momento. Ele contou ainda com colaboração de seus alunos da Faculdade de Letras de Argel, como Abdelmalek Sayad, que juntamente com os guias, abriram o campo e afastaram a desconfiança autóctone. A companhia dos alunos e dos guias contribuíram sobremaneira para que transitasse nas cidades e vilarejos fazendo entrevistas e que pudesse não apenas observar detalhes da vida cotidiana, como também fotografá-la. As observações e fotografias não se limitavam apenas aos campos aráveis e criações de animais, mas à arquitetura das casas, das vestimentas tradicionais, das relações matrimoniais e do parentesco mediante alianças e das práticas culturais.

De maneira ponderada, ao registrar a arquitetura e vestimenta da Cabília, Bourdieu manifestava seu intento de compreender de maneira mais abrangente a evolução temporal e as transformações pelas quais essa sociedade



específica estava atravessando. A documentação meticulosa desses elementos visuais não era um mero exercício estético, mas sim uma estratégia metodológica intrínseca à sua abordagem etnográfica.

Nesse sentido, o autor utilizava a arquitetura e a vestimenta como artefatos culturais que, por meio de sua análise, possibilitavam uma apreensão mais profunda das dinâmicas sociais, das mudanças simbólicas e das adaptações que caracterizavam a comunidade Cabília ao longo do tempo. A atenção cuidadosa aos detalhes arquitetônicos e aos padrões de vestuário revelava-se como uma via tangível para explorar as nuances das práticas cotidianas, das relações sociais e das estratégias de resistência adotadas pelos membros da sociedade estudada. Essa abordagem, centrada na observação visual, ampliava a compreensão sociológica de Bourdieu, permitindo-lhe capturar as complexidades do contexto sociocultural com um olhar atento às expressões visíveis das transformações em curso.

As observações e fotografias eram complementadas pelas entrevistas e conversas informais que tinha com os argelinos. Sobre as entrevistas conduzidas por seus alunos, a proximidade social e familiaridade desses com os interlocutores da pesquisa, rendiam-lhe devido à sua permutabilidade com o entrevistado, duas das condições essenciais para uma comunicação “não-violenta”, segundo Bourdieu (2021a): garantias contra a ameaça de ver as razões subjetivas, de suas escolhas vividas como livres, reduzidas a causas objetivas escritos nos resultados das análises. Por outro lado, nesse cenário, há também uma garantia de acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos relativos aos conteúdos e formas da comunicação. Este acordo se manifesta na emissão apropriada, embora sempre desafiadora de ser produzida consciente e intencionalmente, de sinais não verbais coordenados com os verbais, indicando quer como o enunciado deve ser interpretado, quer tal como foi interpretado pelo interlocutor (Bourdieu, 2021a).

Destarte as observações, entrevistas e fotografias foram importantes para que o pesquisador francês pudesse descrever a sociedade argelina de modo mais realista, dado que tanto as estatísticas serviram para mapear as macrotendências (circulação de moeda, a moradia e seus custos, renda), como a etnografia lhe permitiu a compreensão dos sentidos das ações dos agentes nessa grande estrutura (Klüger, 2021). Assim, o cuidado com os dados proporcionou que observasse os conflitos da gestão colonial e os impactos estruturais que causou na vida dos camponeses argelinos, obrigados a deixarem seus territórios, forçados a renunciarem aos antigos códigos de honra para viver sobre uma nova racionalização na qual a mercantilização das relações e o *métier* ocidental, compreendido aqui não apenas como um ofício tal qual uma vocação, mas uma profissão, ocupação ou área que compreende o trabalho de uma pessoa - eram impostos como modelo único.

Nesse sentido, o trabalho empírico possibilitou que Bourdieu testasse as teorias neoclássicas da economia e suas categorias analíticas, entendendo as estruturas temporais e econômicas argelinas a partir de uma análise criteriosa. Constatou que a teoria do *Homo-Economicus* não pode ser compreendida como universal (Garcia-Parpet, 2006) e muito menos exterior às realidades históricas e geograficamente situadas, pois a metodologia e os instrumentos metodológicos permitiram que pudesse, inclusive, testar o modelo em outras partes, como em sua terra natal.

Nesse âmbito, a comparação habilmente delineada pelo pesquisador entre agentes tão diversos como os argelinos, inicialmente percebidos como figuras distantes e alheias, e seus compatriotas, observados de maneira mais próxima e familiar, desempenhou uma função preponderante em seu desenvolvimento teórico. A imersão no campo propiciou ao pesquisador e teórico não apenas a oportunidade de observar, mas também de interagir diretamente com as dinâmicas sociais, adquirindo uma compreensão mais profunda das peculiaridades e complexidades inerentes às práticas culturais da Cabília.

Ao estabelecer conexões entre esses dois conjuntos de agentes sociais, Bourdieu foi capaz de transcender as barreiras aparentes de estranhamento inicial, enxergando além das diferenças superficiais e compreendendo as similaridades subjacentes. Essa abordagem comparativa e relacional, fundamentada na proximidade e distância percebidas, proporcionou a Bourdieu uma perspectiva única para a construção de seu aparato conceitual original. A análise comparativa entre o familiar e o estranho, entre o próximo e o distante, não apenas enriqueceu sua pesquisa, mas também desempenhou um papel instrumental na formulação de teorias sociológicas inovadoras, consolidando seu lugar como um dos pensadores mais influentes no campo das Ciências Sociais.

O presente trabalho não tem a intenção de abordar exaustivamente todas as contribuições de Bourdieu para a desmitificação da linguagem tecnocrática predominante e a importância das reconstruções das trajetórias individuais em sua formação acadêmica e econômica. Esta pesquisa seria de grande envergadura, requerendo a análise minuciosa das distintas fases da produção bourdieusiana, desde seus primeiros escritos quando ainda desempenhava o papel de filósofo até suas últimas contribuições. Ciente da complexidade inerente ao tema e da extensão temporal necessária para uma abordagem abrangente, compreendemos que seria inviável abarcar completamente o escopo desejado em um único artigo. Simultaneamente, reconhecemos nossas próprias limitações diante de uma tarefa tão abrangente. Nossa proposta é apresentar de forma sucinta alguns pontos considerados relevantes no amplo aparato conceitual do



autor, destacando como essa construção teórica e metodológica se manifestou e foi aprimorada na pesquisa empírica. Isso porque, segundo o próprio autor, “não há outra maneira de se apropriar completamente de seu próprio pensamento sobre o mundo social a não ser reconstituindo a gênese social dos conceitos, produtos históricos das lutas históricas que a amnésia da gênese eterniza e reifica” (Bourdieu, 2021b, p. 248).

Delineamos, assim, a trajetória de Pierre Bourdieu, sua incursão na Filosofia até sua transição para as Ciências Sociais, elucidando o contexto e a epistemologia que fundamentaram esse percurso. Posteriormente, destacamos a refinada evolução de seu aparelho conceitual ao realizar comparações entre sua terra natal e a Argélia. Na terceira seção, abordamos de que forma a fotografia assumiu relevância substantiva em seu trabalho de campo, desempenhando um papel crucial na apreensão e análise das dinâmicas sociais.

Ao finalizar, revisitamos a influência marcante de Bourdieu na construção e transposição de categorias analíticas originadas de distintos campos, amalgamando-as para a análise da estrutura social. Nesse processo, ressaltamos a ruptura com o paradigma estruturalista, conduzindo a uma abordagem mais centrada nas estratégias dos agentes sociais. Esta mudança paradigmática evidencia a contribuição inovadora de Bourdieu para a compreensão das complexidades sociais, marcando um deslocamento crítico em direção a uma perspectiva mais dinâmica e contextualizada na análise sociológica.

A TRANSIÇÃO DE BOURDIEU PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS E SUA COMPREENSÃO DO MUNDO SOCIAL.

Entender como Pierre Bourdieu fez a transição do campo filosófico para as Ciências Sociais é compreender sua tomada de posição política. O efeito do campo é exercido por meio do confronto com as tomadas de posição de todos ou uma parcela daqueles que estão nele. Usamos aqui o campo como o espaço autônomo de produção, construído de relações objetivas (Bourdieu, 2009). Essa transição ocorre a partir da experiência empírica que teve na Argélia, mesmo tendo como obstáculos certa desconfiança popular e ainda dos oficiais de alta patente que queriam converter todos à Argélia francesa (Bourdieu, 2005) a partir da língua e dos modos de ser francês. Podemos inferir que o embate cultural proporcionou um aprimoramento significativo do arcabouço conceitual, possibilitando a reflexão sobre categorias como o capital, e até mesmo o desenvolvimento delas a partir de sua perspectiva. Da mesma forma, a compreensão do campo, enquanto um espaço de relações objetivas, é enriquecida ao considerarmos a representação do campo de batalha e a concreta disputa pelo território físico, durante a qual franceses e argelinos se confrontaram na busca pela ocupação desse espaço territorial.

Da mesma forma, é possível elucidar como Bourdieu aprimorou sua compreensão acerca da relevância do conceito de capital, eminentemente presente em sua obra. Essa apreensão abarca não apenas o capital cultural, mas também os aspectos do capital social e econômico. A sua refinada análise revela como cada faceta dessas formas de capital pode ser estrategicamente reconvertida no âmbito da disputa do campo e na tomada de posição dentro desse mesmo campo. Este aprimoramento se mostra particularmente evidente ao examinarmos a escala ocupada por indivíduos no contexto sociocultural. O refinamento conceitual de Bourdieu, permeado pela perspectiva de luta e competição no campo social, reflete uma abordagem mais intrincada e contextualizada na análise das relações e hierarquias presentes no tecido social. Para Bourdieu (2021b) o capital refere-se aos recursos acumulados que conferem poder e influência dentro de uma sociedade. Além disso, o acesso e controle desses capitais influenciam a posição de um indivíduo ou grupo em um "campo social", o espaço onde ocorrem as interações sociais e as lutas pelo poder. O conceito de capital é fundamental para entender as dinâmicas de poder, desigualdade e reprodução social. Ele mostra como a distribuição desigual desses capitais contribui para a estratificação social e a manutenção de privilégios, pois observou isso *in loco*.

Contudo, é imperativo esclarecer que a compreensão de Bourdieu sobre a Argélia e sua cultura não emergiu de uma entidade mística ou de uma especulação metafísica pessoal. Sua compreensão não foi resultante de uma revelação súbita, tampouco de uma análise meramente teórica em seu gabinete. Ele teve acesso a uma boa biblioteca e a informantes-chaves. Já em campo, não queria manter o olhar distanciando dos estruturalistas e por estar ligado ao corpo militar, aprendeu a navegar nos dois mundos, tanto o interno, quanto o externo e observar os horrores da guerra a partir do prisma argelino não-francês. Segundo o próprio autor, o papel do pensador consiste em estudar a problemática intelectual característica de uma época, buscando a reflexividade.

Bourdieu, entretanto, chama nossa atenção para o fato de que não se deve presumir que, apenas por meio da reflexividade, o sociólogo consiga exercer controle total sobre os efeitos, sempre tão complexos e variados, da relação de pesquisa. Isso se deve ao fato de que os participantes da pesquisa também podem intervir, de forma consciente ou



inconsciente, buscando impor sua própria definição da situação em benefício próprio (Bourdieu, 2021a). Nesse tipo de troca ou relação, um dos riscos é a imagem que desejam criar e promover sobre si próprio, tornando-se essa uma dimensão relevante a ser considerada. Assim, entendemos que a partir do exercício da reflexividade e dos trabalhos de seus predecessores (Bourdieu, 2015), justifica-se a escolha de Bourdieu por sua pesquisa na cordilheira do Atlas, uma vez que pesquisar a sociedade argelina era mais uma conduta cívica que política. Sua tomada de decisão política veio com o estudo de campo. Sua virada de chave, tanto epistemológica quanto política acontece no campo, ao observar o que estava acontecendo na Argélia ocupada.

É importante que se diga que a ideia original de Bourdieu era estudar o tempo, mas numa perspectiva filosófica. Ele foi influenciado pela revista *L'Homme*, fundada por Lévis-Strauss, mas na França daquele momento a Sociologia era ainda uma “ciência menor” e os filósofos não tinham apreço pela nova área, e muito menos para seu objeto de análise: o mundo social. Este estava ausente do mundo intelectual obcecado pela política, já que o prestígio intelectual vinha de um distanciamento temporal dos fenômenos e não de olhar o fato enquanto acontece e quais seriam os desdobramentos daqueles fenômenos. Para ele, a transição teve relação com sua trajetória escolar e social. Sua estadia em campo, marcava uma ruptura decisiva com sua experiência escolar, de modo que fora levado a uma visão bastante crítica da Sociologia e dos sociólogos, como se a visão do filósofo se visse reforçada pela visão do etnólogo, e ainda mais, talvez, uma representação bastante desencantada, ou realista (Bourdieu, 2005, p. 68).

Convivendo com os argelinos percebeu que a modernização implicou mudanças psicológicas, pois exigia dos indivíduos um sistema adaptativo. A ocupação argelina levou ao que chamou de “choque de cultura”: uma população inteira suspensa entre dois mundos (Bourdieu, 2021a). Um mundo que está sendo destruído e o novo que não se impõe como realidade. O mundo tradicional no qual os argelinos foram socializados estava, literalmente, sendo destruído, e o mundo que estava sendo construído não foi planejado para que eles se encaixassem. Dessa forma, material e culturalmente, a população ficou em um estado de suspensão. Nesse ínterim, havia uma crise que causou uma violenta transformação social, destruindo o campesinato e mercantilizando as relações sociais. Os laços de solidariedade e resolução de problemas, fundamentados em relações de parentesco ou compadrio, passaram a ser mercantilizados sem proporcionar aos argelinos cargos e salários dignos para remunerar os serviços e bens que obtinham no “antigo regime” e dois conceitos foram importantes para essa compreensão: o *habitus* e o capital, o primeiro como disposição adquirida e o segundo como recurso acumulados, sejam eles simbólicos, econômicos, culturais e sociais.

O que é interessante é que mesmos que analisasse as questões econômicas e o papel do indivíduo na estrutura, “ao abordar sobretudo a questão do agente, P. Bourdieu vai opor-se radicalmente à concepção da teoria neoclássica” (Garcia-Parpet, 2006, p. 334), demonstrando que as disposições mais elementares das necessidades humanas não são exógenas. Elas têm uma relação com uma economia situada e estes sítios têm um papel fundamental na história social e na trajetória dos indivíduos. Uma vez que o *Homo-Economicus* não serve para explicar a estrutura social, como também é preciso pensá-lo com um indivíduo recomposto e situado em um determinado espaço e tempo. Sua identidade não é realizada por si, mas na relação como o outro, pois nos territórios existem outras economias, relacionadas à experiência do tempo e ancoradas em realidades concretas, regidas por convenções territoriais e alimentadas pelo potencial criativo desses agentes (Bourdieu, 2021a).

Quando o Estado Francês ocupa a Argélia, expulsa os camponeses de suas terras, impelindo-os para as cidades, sem estrutura adequada para recebê-los, separando-os de seus vizinhos e parentes, e privando-os dos meios de vida. Nesse processo, destrói uma sociedade que se organizava dessa forma por centenas de anos, sem proporcionar garantias de sobrevivência ou permitir uma economia situada e sustentável. A economia situada enfatiza a região e a cultura dos sujeitos que nela vivem. Bourdieu busca compreender a mudança que está acontecendo na Argélia levando em conta o tempo e a economia. Desta feita, seu trabalho se torna original entre outros pontos de análise por ter uma “abordagem pluridisciplinar singular e uma experiência híbrida do mundo social, cuja história social precisaria ser feita — uma história que abarcasse, ao mesmo tempo, um itinerário biográfico, o estado do campo das Ciências Sociais na época em que foram realizados” (Garcia-Parpet, 2006, p 334), tanto em relação ao contexto político da Argélia quanto da França dos anos 1960. Por isso mesmo, os conceitos de *habitus*, capital e campo levam em conta o itinerário biográfico e o território no qual o agente está inserido.

Os horrores que observou na dominação no sistema imperial francês fez com que saísse da “anódina filosofia” para as Ciências Sociais, arriscando, inclusive seu prestígio intelectual e político da França da década de 1960. E sua conversão aconteceu no campo, onde usou a experiência empírica como um laboratório vivo no qual descobriu as especificidades locais numa relação com um mundo, mas sem estar preso à explicação universal. Ele pensou tanto com as correntes filosóficas que teve influência da Escola Normal Superior, mas também contra elas, pois, após a transição, continuou usando a Filosofia para compreender os fenômenos, estando alicerçado na epistemologia histórica de Gaston Bachleard (Wacquant, 2006).



Sua passagem pela filosofia foi crucial para conceber as categorias e submetê-las a uma análise rigorosa, tanto do ponto de vista teórico quanto da análise empírica. Nesse contexto, navegava habilmente entre esses dois campos, utilizando um para testar o outro e, assim, experimentar a eficácia das categorias desenvolvidas. As observações do mundo empírico tinham o potencial de gerar novos conceitos ou categorias, enquanto, simultaneamente, ele podia vivenciar no mundo empírico teorias derivadas de pesquisas realizadas por outros investigadores. No campo, ainda tinha a capacidade de refutar teorias que ainda não haviam sido testadas, chegando a resultados significativos ao comparar campos de estudos diversos.

Na cordilheira do Atlas, a etnografia se tornou um campo de experiências. E foi justamente essa imersão empírica, assessorado por dados estatísticos, observações, fotografias e entrevistas que permitiu compreender quais forças estavam dilacerando a estrutura social e mental dos argelinos, instrumentos que lhe permitiram compreender as transformações em sua aldeia natal. Podemos, assim, dizer que a grande inovação bourdieusiana foram guiadas por questões práticas de sua pesquisa de campo e não de um quebra-cabeças escolástico, já que trabalhou a partir de objetos empíricos concretos. Por isso mesmo, a importância de conceitos como *habitus*, uma disposição geral e permanente no tocante ao mundo e aos outros, pois “o *habitus* é a categoria mediadora, transcendendo a fronteira entre o objetivo e o subjetivo, que permitiu a Bourdieu captar e descrever o agitado mundo duplo da Argélia colonial em desagregação” (WACQUANT, 2006, p. 17). E graças a essa categoria analítica percebeu a lógica da honra, do parentesco e da solidariedade do grupo. E quando ele compara a honra, o parentesco e a solidariedade em sua terra natal percebe que tem uma relação interessante que pode ser entendida a partir do *habitus*. Há disposições que são adquiridas para se “navegar” bem em uma sociedade. Por outro, captou a pressão dos interesses individuais, relações mercantis e ganhos materiais, “[...] porque o sistema das disposições está ligado à situação econômica e social pela mediação das potencialidades objetivas que essa situação define e que definem essa situação: mensuráveis estatisticamente, a título de regularidades independentes das vontades individuais” (Bourdieu, 2021a, p. 159), uma vez que as disposições são incorporadas nas relações com os outros.

Uma pessoa que não internalizou, por exemplo, as normas de utilizar talheres como garfo e faca, será identificada como alguém que não pertence a um determinado contexto social. Suas interações com outros indivíduos podem ser classificadas em uma hierarquia, uma vez que é percebido que o indivíduo em questão não possui o conhecimento apropriado sobre as convenções de comportamento à mesa. Mesmo que seja hábil em alguma atividade específica, como artesanato ou construção, cujas habilidades demandam destreza, é possível que seja atribuída a essa pessoa a ausência de “coordenação motora”. O mesmo princípio pode ser aplicado àqueles que não adquiriram as convenções do uso da língua vernácula, incluindo suas regras e nuances tanto de prosódia quanto de regência. Esse cenário também se estende aos indivíduos que enfrentam desafios ao lidar com a disciplina relacionada a horários, administração do tempo livre e etiqueta social em um ambiente corporativo. Essas dificuldades podem resultar na percepção de que a pessoa é “grosseira” ou apresenta maneiras rudes, o que, por sua vez, pode ser associado a uma suposta falta de inteligência ou disposição para o trabalho.

Conforme afirma Bourdieu (2021a), as disposições estão intrinsecamente ligadas à situação econômica e social. Indivíduos socializados em uma cultura específica enfrentarão dificuldades ao tentar incorporar disposições de outra cultura, como evidenciado na Argélia, onde os argelinos encontraram obstáculos para se adaptarem às novas funções econômicas introduzidas pela modernidade francesa que ocupou o território. De maneira análoga, Bourdieu (2006) percebeu que os homens de sua terra natal tinham seus corpos treinados para o trabalho árduo no campo, mas não para a leveza da dança nem para as poses sutis e encenadas dos modelos de revista de moda (Bourdieu; Bourdieu, 2006). Não dominar essas disposições pode colocá-los na categoria de “brega”, “cafona” ou “antiquados”, e isso pode inclusive criar obstáculos para que eles arranjem matrimônio, uma vez que a dança era o primeiro momento de conversa com uma pretendente (Bourdieu, 2021b). Por outro lado, aqueles que tinham essa disposição tinham mais chances de conseguir uma parceira.

No sistema de trocas matrimoniais analisado por Pierre Bourdieu, é notável como, ao observar o baile em sua vila natal, o autor percebe a presença de um fenômeno social relevante. A partir dessa observação concreta e sensível, Bourdieu fundamenta toda a sua análise sobre o aumento do celibato e a abrupta mudança imposta ao mercado de bens simbólicos do antigo regime matrimonial, que antes se baseava nas negociações entre famílias e agora estabelece outras métricas que resulta na desvalorização das virtudes camponesas.

O patrimônio fundiário já não é mais o fator determinante para garantir um casamento bem-sucedido, como se acreditava anteriormente. Agora, o autor destaca a influência de um modelo de mercado de bens simbólicos unificados em escala nacional, no qual a posição social e o estilo de vida que remete ao espaço urbano estão correlacionados às chances de casamento. Surge, assim, um sistema regido pela lógica da competição individual, contrastando com o



sistema de trocas matrimoniais do passado, onde o valor da propriedade e as normas que presidiam a negociação de um cônjuge eram aplicáveis à toda a comunidade.

Esses valores conflitantes permeiam a sociedade analisada por Bourdieu, visto que os valores rurais de outrora perdem sua relevância diante do mundo urbano. No âmbito microsocial, observa-se o processo de dominação da cidade sobre o campo, indicado por Marx como uma característica crucial do capitalismo (Bourdieu, 2021b). O baile, nas observações de Bourdieu, é a concretude, a expressão visível desse novo sistema, refletindo nas atitudes, principalmente dos homens rurais, a desvalorização de sua condição camponesa, evidenciada por sua postura desajeitada e rígida, por não ter adquiridos disposições ditas como “urbanas” e “modernas”.

Tão logo ele aplicou o conceito de *habitus* às relações sociais na Argélia, percebeu que as modificações da estrutura temporal e econômica produziram uma aceleração da história, pela violência física e simbólica impetrada pela dominação francesa. A dominação estava liquidando o modelo endógeno de ser e estar no mundo e de suas próprias resistências, pois o “choque de civilizações” impactava na estrutura social e nas subjetividades. O padrão imposto por Paris implicava um confronto entre dois sistemas sociais muito distintos e nas relações assimétricas tanto do campo material quanto simbólico. Não havia um processo de aculturação, uma vez que o sistema colonial se funda numa correlação de forças na qual um grupo dominante mantém o outro sob seu jugo. E essa dominação passa pelo capital simbólico, “um capital com base cognitiva apoiado sobre o conhecimento e reconhecimento” (Bourdieu, 2011, p. 150) da cultura e do modo de viver do outro.

Quando os soldados franceses chegaram à Argélia, eles impuseram “carreiras” para as quais os argelinos não estavam preparados. Como a maioria deles não teve acesso à educação formal, restava-lhes apenas ocupar subempregos ou se dedicar ao comércio de produtos de pouco valor. Os cargos de alto escalão na burocracia eram ocupados por franceses ou argelinos que haviam incorporado as disposições da metrópole, incluindo o modo de vestir, a língua francesa e a disciplina burocrática necessária para essas funções, ou seja, treinado o corpo e a mente para um novo “programa” moderno do aparato do Estado e do mercado.

O poder central francês, através de sua burocracia e de suas forças militares, impõe modos culturais de se portar no mundo, de modo que quem não os acompanha é ridicularizado. Como bearnês, Bourdieu sabia o que é ser ridicularizado por uma camada superior ou que assim se reconhece. Os camponeses argelinos eram ridicularizados devido ao seu modo de organização, sua religião e sua falta de capacitação para os postos de trabalho mais importantes da sociedade capitalista. Por terem sido assentados forçadamente, moravam nos piores lugares, pois por falta de capacitação, tinham os piores salários e não podiam se revoltar, embora a revolta gerada pela necessidade “pode suscitar um descontentamento e uma revolta que não supõem necessariamente o escopo claro e racional da finalidade da revolta [...] e que podem se traduzir tanto pela passividade resignada quanto por explosões elementares e desprovidas de finalidade explícita” (Bourdieu, 2021a, p. 160-1).

O sistema de disposição está ligado, obviamente à situação econômica e social que são mediadas por potencialidades objetivas. Para os argelinos com poucos recursos materiais, restavam pequenos comércios, por não exigirem qualificação profissional nem as proteções burocráticas. Já para os que nem recursos dispunham, restavam ser cozinheiros ou vendedores ambulantes, vendendo coisas insignificantes do ponto de vista econômico e apenas tendo os recursos materiais abaixo do necessário para sua reprodução enquanto força de trabalho. Às mulheres, menos escolarizadas ainda, restavam os trabalhos domésticos nas casas dos que podiam pagar por essa força de trabalho. Todo o tempo era consumido no trabalho para sua própria sobrevivência. Como adquirir as disposições para ocupar os importantes cargos? Que tempo restava para o estudo ou para a aquisição de novas profissões? Se antes havia o tempo de trabalho no campo, também existia o tempo livre, especialmente fora dos períodos de plantio. No mundo moderno e assalariado, o trabalho era contínuo.

Desse modo, para os que não tem qualificação, não havia privilégios. Poucos são os que tinham estabilidade no trabalho e vivem a angústia diária de perder o emprego, pois dependiam de uma rede de solidariedade familiar para ocuparem um posto de trabalho. Com as relações sociais mercantilizadas, as hierarquias são quebradas e os jovens, que compreendem as relações impessoais mais rapidamente, assumiam parte das despesas, causando uma crise na hierarquia familiar e uma certa “desonra” patriarcal, que agora não mais tem a autoridade total sob os filhos, como dependem da vontade e dos recursos que esses trazem para dentro e casa. Se a autoridade era mantida porque os pais trabalhavam, agora eram os filhos os responsáveis pelo sustento familiar. Assim, eram eles que se sentiam importantes, como o esteio da casa. Aos pais restava a vergonha de não ter um trabalho com o qual trazer a comida para casa. Os chefes de família passavam a se sentir inúteis, uma espécie de peso morto a depender dos filhos ou da mulher para sustentar a família. Isso carrega uma pressão simbólica muito forte. A nova ordem cria uma fissura na cultura patriarcal e na tradição argelina.



Bourdieu (2021a) percebe que até mesmo a noção de trabalho e utilidade familiar entra em choque, pois só é considerado trabalhador aquele que gera renda, posto que os serviços domésticos e os que não geram dividendos imediatos deixam de ter importância social, uma vez que se o futuro depende do presente e não se pode fazer escolhas, nem de emprego e nem de empregado, como se pode mudar a estrutura social? Por isso, há uma submissão e estagnação futura de possibilidades de transformação política, visto que “o cálculo econômico se encarna progressivamente na conduta, à medida que a melhoria das condições materiais o permite” (Bourdieu, 2021a, p. 105). A liberdade é expandida quando se pode participar da vida social e, inclusive, poder escolher os governantes, melhorar a educação e qualidade de vida.

Nesse sentido, ser livre é possibilitar que os agentes sociais façam escolhas e transformem suas próprias vidas. Ser livre implica a liberdade não apenas do corpo, mas das questões subjetivas e de poder participar ativamente da vida política e social. Coisa que os camponeses não podiam. Assim, eles se sentiam presos a uma nova ordem, subcidadãos e sem perspectivas de futuro. Sentiam como se uma grande tragédia fatalista tivesse descido sobre eles, uma vez que o presente era horrível e não havia perspectiva de futuro. De certa forma, é como se o tempo tivesse deixado de existir, visto que o futuro não lhes pertencia, e que também não tinham presente. Agora, está ainda pior, pois eles têm que obedecer às regras ditadas por um governo que não reconhecem como legítimo, muito menos representante de sua cultura. Há um “choque de civilizações” que precisa ser superado. E Bourdieu só percebeu esse choque quando mergulhou com mais profundidade ao campo e começa, de fato, testar sua teoria, os conceitos de *habitus*, campo e capital.

A etnografia trans-mediterrânea e a validação da teoria e do aparelho conceitual

O “choque de civilizações” foi importante para entender a sociedade argelina e o que estava acontecendo em sua aldeia. No Béarn, como na Argélia, Bourdieu usa histórias de vida, estatística e etnografia para compreender os desdobramentos do comportamento e da consciência a partir da mudança na estrutura social. Se na cordilheira do Atlas foi a mercantilização das relações e destruição da estrutura camponesa que mudou a percepção da estrutura temporal e econômica, nos Pirineus foi a generalização da instrução, o êxodo feminino, sua abertura aos costumes e os modos de vida urbanos que ampliam a ruptura do tecido social, subvertendo os padrões de honra nas relações de gênero (Bourdieu, 2013). Não se podia mais pensar em estruturas universais que servissem para tudo e para todos. Fazia-se necessário levar em conta a história de vida dos indivíduos, as estatísticas apresentadas oficialmente, mas sobretudo era importante olhar para o mundo empírico para compreender o que estava acontecendo na sociedade argelina. Por isso mesmo, era necessário observar a estrutura social a partir das biografias dos indivíduos e das disposições incorporadas ou não por eles. No artigo publicado como *post scriptum* no livro “O baile dos celibatários”, Pierre Bourdieu (2021b, p. 246) diz: “se existe uma verdade, é que a verdade do mundo social é objeto de lutas: porque o mundo social é, em parte, representação e vontade; porque a representação que os grupos fazem de si mesmos e dos outros grupos contribui em grande medida para fazer o que são os grupos e o que eles fazem”.

Na África e na Europa, o estudo empírico foi o guia de seu aparelho conceitual. Olhando por essa lente, Bourdieu não pode mais ser visto como o teórico da reprodução, mas como um etnógrafo que esteve no campo, testou metodologias e ferramentas para explicar os fenômenos (Wacquant, 2006). Para isso, fez etnografia gêmea de uma mesma empresa teórica e o conceito de *habitus* é inovador justamente por isso. Ele liga estudos de juventude na Cabília com reexames de suas teorias e métodos no Béarn, sua terra natal. As etnografias que Bourdieu realizou tanto na África quanto na Europa desempenharam um papel fundamental em estimular e fundamentar seus estudos mais abstratos. Foi por meio dessas pesquisas de campo que emergiram as categorias e conceitos que norteiam sua vasta obra (Bourdieu, 2005).

Tanto na Argélia quanto no Béarn, Bourdieu percebeu a coexistência de distintos padrões de temporalidade que influenciavam os agentes de maneiras diversas, levando-os a reagir de maneiras distintas diante das mudanças temporais e dos costumes por elas modificados. Nessas experiências, tanto na região magrebina quanto no maciço dos Pirineus, ficou evidente que elementos como hierarquia, modos de ser, viver, existir no mundo e vestir impactaram os magrebins e os habitantes dos Pirineus, respectivamente. Na região pirenaica, o matrimônio também entrou em crise devido a uma temporalidade moderna, na qual os sujeitos não conseguiram acompanhar e incorporar as novas disposições de forma tão rápida. As análises de Pierre Bourdieu sobre o casamento endogâmico berbere e o celibato no campesinato francês permitiram-lhe criticar o formalismo jurista e a perspectiva “genealógica” do parentesco. Nessas pesquisas, afasta-se da noção de regras para conceber o parentesco como uma prática dinâmica (Bourdieu, 2013). Observa-se, tanto lá quanto cá, uma mudança estrutural e divergências nas possibilidades objetivas e nas



esperanças subjetivas (Wacquant, 2006), originadas pelas transformações sociais, que contribuem para o esgarçamento do tecido social e das trocas matrimoniais estabelecidas.

Na visão de Bourdieu (2013), o casamento assume uma dimensão política, visando preservar não apenas a residência (terra), mas também a honra. Por outro lado, cada união implica riscos, sendo o fator do dote, por exemplo, digno de destaque, uma vez que há a possibilidade de sua devolução. O pensador francês destaca a necessidade de avaliar cada casamento específico, considerando as circunstâncias individuais, em vez de abordar a troca matrimonial de forma abstrata. A natureza política do casamento leva-o a empregar a metáfora do jogo: cada casamento é equiparável a uma jogada em um jogo de cartas, representando o resultado de estratégias aplicadas, influenciando e sendo influenciado por casamentos anteriores. Portanto, cada união possui sua própria temporalidade. “Com efeito, o chefe de família sempre tem a liberdade de jogar com as 'regras' (começando pelas do Código Civil) para favorecer, mais ou menos secretamente, um ou outro de seus filhos, com dons em dinheiro líquido ou vendas fictícias” (Bourdieu, 2013, p. 249). Ora, para participar do jogo, é necessário possuir disposições para entender a regra do jogo e perceber, mantendo-se na metáfora do jogo, quando o parceiro de mesa não está “blefando”. Em uma relação de parentesco intermediada pelo casamento, não se pode quebrar a banca, uma vez que seu parceiro de jogo acaba tornando-se também seu parente, e não é apropriado ter dívidas com nossos parentes, muito menos contrair inimizades em uma banca de jogo.

Podemos inferir que a metáfora do jogo foi importante para o conceito de *illusio*, isto é, “estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a jogar [...] dar importância a um jogo social, perceber o que se passa nele [...] participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos (Bourdieu, 2011, p. 139). Para se fazer casamentos é preciso dominar as regras do jogo, e o autor continua na mesma página dizendo que a *illusio* é a “relação encantada com um jogo que é produto de uma relação de cumplicidade” (Bourdieu, 2011, p. 139). Sem o interesse entre os dois chefes de família não há casamento, como sem interesse não se joga uma partida de cartas. Por isso mesmo que não se aceita apenas observadores em uma mesa de jogo. Só está na mesa quem tem interesse e quem pode jogar

Um outro ponto importante que Bourdieu procura entender para compreender o tempo e as mudanças sociais são as vestimentas e o gosto relacionado a elas. Desse modo, não só os gostos, mas também as roupas variam, acompanhando a moda de Paris ou a grandes centros. Além disso, Bourdieu investiga como as mulheres passaram a perceber o corpo camponês e seu deslocamento no mundo, comparando-os com os de outros rapazes urbanos. Elas observam que os cidadãos apresentavam *performances* diferentes dos camponeses, com seus movimentos pesados. Já os rapazes urbanos demonstravam leveza e desenvoltura. Os urbanos ou que adquiram disposições urbanas, aprenderam novas regras do jogo do corpo e usam-nos não apenas para o trabalho, mas para o lazer. Estes sabiam não apenas se mover nos bailes dos solteiros, como dominavam os ritmos novos e se portavam com elegâncias (Bourdieu, 2006). O modo como “os de fora” via os camponeses do Béarn contribuiu para a internalização da imagem desvalorizada que faziam dele partir dos padrões urbanos, uma vez que eles aceitam essa caricatura e naturalizam-na. Se os habitantes de Paris ou de grandes centros eram percebidos como modernos e leves, aqueles eram “atrasados” e “pesados” representavam o oposto.

Desse modo, percebemos que o tempo e a estrutura social, observados empiricamente, são transportados para o domínio conceitual de Pierre Bourdieu. A mera presença da “modernidade” nos corpos individuais, por meio de disposições, evidencia que os indivíduos estão transformando até mesmo as relações sociais tradicionais, assumindo responsabilidades que costumavam ser atribuídas à família. No entanto, isso não quer dizer que eles estão rompendo com ideia de campo. Eles podem até “querer inverter as relações de força” no campo, mas não são indiferentes. Uma vez que “querer fazer a revolução em um campo é concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, a saber, que ele é importante, que o que está em jogo aí é tão importante a ponto de se desejar aí fazer a revolução” (Bourdieu, 2011, p. 140).

Em suma, se na sociedade antiga o casamento era um assunto de família, na nova sociedade era uma iniciativa individual. Para ser um bom partido, não era necessário apenas ter terra e bens, mas ter treinado o corpo, adquirido disposições modernas que apresentasse seu corpo na sociedade. E uma das funções desse corpo era saber dançar não as danças antigas, mas os passos da moda, o que é mais moderno, que não se “parou no tempo” ou aquilo que é tendência de moda. Nesse sentido, mais uma vez o “choque de civilizações” do sudoeste francês pode ser explicado pelo *habitus*. Os costumes antigos dão lugar a uma técnica corporal urbana, com desenvoltura e passos rápidos aos quais o corpo do camponês não acompanhou com a mesma velocidade.

É como se o camponês e seu corpo não fizessem parte do mesmo indivíduo, pois tinham vontade de “deslizar” pelo salão, mas o corpo não permitia, já que “de fato, embarçado em relação a seu corpo, ele fica desconfortável e sem jeito em todas as situações que demandam extroversão e nas quais seu corpo é posto em cena” (Bourdieu, 2006, p. 87).



E aprende, assim, que seu corpo é rude, está em outro tempo, um comportamento psicológico e subjetivo que não acompanha. Logo, não pertence àquele tempo moderno e rápido. Toma-se, assim, consciência do que é que é rústico e não “descolado”, como aqueles jovens urbanos, como roupas, acessórios e penteados diferentes, parecendo até que saíram de uma nave espacial e eles de uma carroça. E por não incorporarem essas novas disposições não vão mais aos bailes, vão perdendo a autoestima e definhando.

Dessa maneira, o velho modelo entra em ruínas sem que migrem para o novo, pois a transição passa por seus corpos e pela sua consciência. É como se os jovens não percebessem que o tempo está passando e que, inadvertidamente, “perderam o bonde da história”. Ao não acompanhar a evolução da modernidade, deixam de participar dos bailes e, eventualmente, perdem o interesse no jogo social, uma vez que não dominam as complexas regras que o regem. Essa falta de sintonia com os tempos contemporâneos não apenas os afasta das dinâmicas sociais mais recentes, mas limita seu engajamento em atividades e eventos que refletem as mudanças culturais e sociais em curso. E foi fazendo essas observações que Bourdieu chegou ao seu aparelho conceitual e à formulação de conceitos, que para muitos surgiram inopinadamente.

Assim, é importante entender a etnografia cruzada feita ao mesmo tempo na Argélia e no Béarn, pois etnografias *insiders* são importantes para “reconhecer a inserção social e a subjetividade dividida do pesquisador sem, para tal, reduzir a Etnografia ao ato de contar histórias. (Wacquant, 2006, p. 13). Bourdieu, assim sendo, pode ser considerado o pioneiro da etnografia multissituada, mas sua concepção e prática são muito diferentes da contemporânea, pois ele “pratica uma etnografia multissituada, solidamente fundamentada no trabalho de campo nos dois locais, e alimentada pela transferência metódica de esquemas conceituais e resultados empíricos de um para o outro” (Wacquant, 2006, p. 21). Ao compreender a sociedade cabila e sua própria região, Bourdieu percebe as tensões entre o universo rural e o urbano na própria França, mundos muito distintos embora no mesmo país.

As pesquisas realizadas no Béarn desempenharam um papel crucial no entendimento de como as mudanças sociais exercem um impacto profundo nos indivíduos. Foi nesse momento que o pesquisador percebeu a necessidade de exercer um controle mais refinado sobre seu instrumento de pesquisa, conduzindo investigações simultâneas em ambos os territórios. Na sua região natal, a análise se estendeu ao estudo do conhecimento tácito dos habitantes, revelando que, de maneira semelhante ao pesquisador, eles também possuíam métodos e instrumentos específicos.

Essa abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada de que o próprio método de investigação constituía um dispositivo experimental em termos de vigilância epistemológica. Nesse sentido, a análise não se limitava à simples aplicação do método, mas incluía uma reflexão sobre o próprio método utilizado. Dessa forma, a importância de conduzir pesquisas em ambos os locais se tornou evidente, mantendo um equilíbrio delicado entre a narrativa histórica, evitando a deriva para um estilo literário, e a firme aderência à teoria, sem ceder à tentação de criar uma obra poética.

Conforme ressaltado por Wacquant (2006), o pensador originário do Béarn empenhou-se em atingir e elucidar sua etnografia trans-mediterrânea por meio de uma objetivação participante, conectando a cordilheira do Atlas ao Maciço dos Pireneus. Notavelmente, essa interligação não apenas preservou, como também fortaleceu os alicerces epistemológicos e o método subjacente ao seu trabalho de campo. Na dinâmica da objetivação participante delineada, não se limita meramente à experiência vivida pelo sujeito do conhecimento, mas abrange as possibilidades de experiência almejadas para concretizar a objetivação da relação subjetiva com o próprio objeto. Essa abordagem não apenas reforça a conectividade entre as regiões geográficas mencionadas, mas também enriquece a compreensão da intrincada interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, elevando assim a profundidade e a abrangência do trabalho etnográfico empreendido.

Ao estreitar a proximidade entre os dois locais de estudo, o pesquisador aprimora os métodos e fundamentos de pesquisa, submetendo seu instrumento à experimentação para avaliar sua capacidade de explicar o modelo teórico proposto. Dessa maneira, esse enfoque “proporciona ao leitor uma janela excepcional para a fruição do seu modo de pensar: uma oportunidade para registrar a emergência e os efeitos da utilização de seu aparelho conceitual específico” (Wacquant, 2006, p. 23).

A realização de uma análise minuciosa das relações de parentesco, gênero e classe na sociedade francesa, conforme proposto por Bourdieu (2013), ele conduz uma revisitação construtiva. Nesse processo, retorna ao campo previamente estudado para observar se sua teoria mantém sua validade ao longo do tempo e se os instrumentos utilizados continuam pertinentes. Essa revisitação transcende o âmbito teórico, estendendo-se à prática, reexaminando não apenas a teoria inicialmente proposta, mas também os métodos e abordagens empregados na pesquisa original. Essa abordagem reflexiva não apenas aprimora o entendimento dos fenômenos sociais em questão, mas também realça a importância da revisão constante, reafirmando o compromisso com a integridade e relevância das teorias e métodos



utilizados em investigações científicas. Essa prática contínua de reavaliação contribui para a robustez e durabilidade das contribuições científicas, promovendo um diálogo constante entre a teoria e a prática na pesquisa social.

A fotografia enquanto instrumento de análise das situações extremas

Como já foi dito anteriormente, as estatísticas, observações participantes e objetivação participante foram importantes para a compreensão dos fenômenos sociais e aqui as fotografias tiveram um papel primordial como ferramentas metodológicas para captar o tempo e os horrores da guerra argelina. Ao mesmo tempo em que a partir delas e das poses performadas pôde compreender as disposições e as incorporações performáticas nas fotos de família e nas performances dos registros rurais e festividades públicas e privadas do sudoeste francês.

Para Wacquant (2006), Bourdieu era um fotógrafo ávido, registrando não apenas as grandes cidades e sua população desalojada para assentamentos forçados, mas também a área rural e as zonas de ocupação francesa e os campos ocupados pela guerrilha. Tinha interesse não apenas pela técnica, mas sobretudo pela estética e isso fica muito claro, quando se busca compreender o que a estética transmite para o observador mediante as performances registradas e a simbologia que elas têm para o fotógrafo (Bourdieu; Bourdieu, 2006). Cada pose constrói uma narrativa que um olhar atento como o dele é capaz de traduzir e usar esse instrumento narrativo para inferir teorias e conceitos, confirmá-los ou refutá-los.

A capacidade de Pierre Bourdieu observar paisagens e pessoas durante suas investigações foi crucial, e a fotografia desempenhou um papel central nesse contexto. Em um campo de batalha, onde observações detalhadas poderiam suscitar suspeitas das autoridades francesas, dada sua associação com o serviço à pátria, assim como dos rebeldes, que o viam, no mínimo, como suspeito, a utilização da fotografia permitiu a Bourdieu contornar essas barreiras. Evitando constrangimentos decorrentes de um olhar minucioso sobre indivíduos com vidas dilaceradas pela guerra, Bourdieu capturava instantâneos, observando as reações dos fotografados enquanto eram capturados por suas lentes. No ambiente do escritório, livre de pressões e suspeitas por parte de guias e informantes, ele podia examinar essas fotos com maior cuidado, extrair inferências para suas hipóteses e confirmar análises. Assim, as fotografias se tornaram um aliado essencial na investigação do pensador francês.

Como etnógrafo perspicaz, Bourdieu não se restringiu a meramente fotografar pessoas, capturando intencionalmente momentos significativos em registros etnográficos; ele também produziu imagens para elas. Ao realizar a devolução das imagens capturadas, ele reconhecia seu direito sobre as fotografias (autoria), mas salientava que os sujeitos de direito das fotos eram as próprias pessoas retratadas. Através desse processo, ele não apenas evidenciava sua preocupação e compreensão pela situação dos indivíduos, mas também estabelecia um vínculo de confiança.

Ao revelar os filmes e retornar para presentear os sujeitos registrados, Bourdieu implementava uma estratégia que ia além da documentação visual; era a sua maneira de fortalecer as relações de confiança e de navegar nos territórios ocupados. Nesse intercâmbio sensível, Bourdieu produziu mais de 1.200 imagens da Argélia, não apenas registrando visualmente a vida cotidiana, mas também documentando as práticas e costumes do povo (Wacquant, 2006).

Assim, essa abordagem transcende o papel tradicional do etnógrafo como observador distante, transformando-se em um agente envolvido e sensível às nuances da comunidade estudada. A prática de devolução das imagens não apenas enriqueceu seu trabalho etnográfico, mas também destacou a importância do respeito, empatia e diálogo na construção de uma abordagem etnográfica ética e profundamente conectada à realidade dos participantes da pesquisa.

Para muitas pessoas, esses retratos representaram as primeiras imagens que tiveram de si mesmas, permitindo-as se reconhecerem como indivíduos em meio ao caos, descobrindo a própria identidade. Além disso, as fotografias possibilitavam que guardassem uma recordação daquele período caótico, para, em tempos de paz, construir narrativas sobre os horrores da guerra. Podemos afirmar que, inadvertidamente, Bourdieu contribuiu para que as próprias pessoas pudessem relatar suas trajetórias como testemunhas oculares da história, evidenciando, por meio das fotos, sua participação na batalha e os sofrimentos enfrentados durante aquela guerra. Simultaneamente, os revolucionários também podiam usar essas imagens para construir suas narrativas como defensores de seus territórios, comprovando, por meio das fotografias, sua presença no campo de batalha em defesa do território e da cultura de seu povo.

Os registros fotográficos não significavam apenas um *hobby*, com uma “coleta de borboletas” para o pesquisador em campo, adotando anedotas e ilustrações para sua aventura. Para Bourdieu as fotos tinham três funções primordiais.



Elas eram uma forma muito eficiente de coleta e armazenamento de dados num território perigoso tanto para o pesquisador quanto para as pessoas registradas, levando em consideração a tensão que havia devido à guerra e às táticas de resistências dos guerrilheiros. Em consequência da tensão e risco, não podia permanecer por muito tempo para realizar observações mais detalhadas muito menos fazer entrevistas para clarear alguns pontos nebulosos. Então, a fotografia contribuía muito para a compreensão.

Um aspecto adicional que merece destaque no contexto das fotografias é o papel fundamental que desempenham como um recurso valioso para a intensificação da perspectiva sociológica, possibilitando uma análise mais aprofundada das disparidades que incidiam sobre os atores sociais na dinâmica assimétrica da ocupação, bem como das estratégias de resistência empregadas. Desta maneira, as fotografias constituíam uma ferramenta que permitia uma observação detalhada da adoção de vestimentas ocidentais pela população, considerando que Bourdieu havia registrado anteriormente trajes típicos magrebins.

Além de oferecerem uma visão aprofundada do comércio local, as imagens não apenas evidenciavam os produtos transacionados, mas também proporcionavam uma reveladora exposição das intrincadas movimentações dos camponeses envolvidos nas complexidades do comércio informal. Desse modo, as fotografias transcendiam a função meramente visual, emergindo como uma fonte excepcionalmente rica e multifacetada de informações. Nesse contexto, as imagens não apenas desempenhavam o papel de registros visuais, mas eram instrumentos cruciais que permitiam a Bourdieu não apenas documentar as transformações sociais, mas, sobretudo, compreender as nuances do cotidiano. Elas proporcionavam uma entrada valiosa para as práticas comerciais, revelando as dinâmicas intrínsecas que caracterizavam o funcionamento do comércio local e, por extensão, a vida da comunidade estudada.

Ao incorporar essas imagens como uma extensão de sua abordagem etnográfica, Bourdieu enriquecia não apenas o aspecto visual de sua pesquisa sociológica, mas também adentrava as camadas mais profundas do cotidiano, capturando as dinâmicas de resistência da comunidade. Dessa forma, as fotografias transcendiam seu papel inicial de documentação, tornando-se uma ferramenta analítica fundamental que possibilitava ao pesquisador uma compreensão mais holística e empática das realidades sociais em jogo durante o período estudado.

A utilização estratégica das imagens ilustra de maneira eficaz como a abordagem etnográfica de Bourdieu transcende a mera documentação visual. Nesse contexto, as fotografias não são meramente registros visuais, mas são integradas como instrumentos analíticos e reflexivos. Essa incorporação enriquece substancialmente o escopo da pesquisa sociológica, proporcionando uma abordagem mais abrangente e dinâmica para a compreensão das complexidades sociais presentes durante o período de ocupação. A interseção entre a teoria bourdieusiana e a análise visual propicia uma perspectiva aprimorada, permitindo desvelar nuances e dinâmicas sociais que, de outra forma, poderiam passar despercebidas. Essa sinergia entre a abordagem etnográfica e o poder interpretativo das imagens contribui para uma investigação mais profunda e contextualizada das interações sociais, acrescentando valor substancial ao panorama sociológico delineado pela pesquisa.

Além disso, os registros fotográficos eram uma espécie de proteção que ancorava e facilitava o trabalho emocional para dar prosseguimento nas circunstâncias tão adversas num conflito armado que perpassava a todos (Wacquant, 2006). Ajudou, desse modo, o etnógrafo a lidar com as fortes emoções do campo, proporcionando, em certa medida, uma postura de distanciamento e objetividade, mas de contínua proximidade com os observados, possibilitando compreender suas perdas materiais e seu desenraizamento. Ele utilizava a fotografia como modo de observar os impactos de uma realidade esmagadora. E a fotografia era um bom instrumento de captar os aspectos da realidade: visíveis e invisíveis, do mesmo modo que serviram para compreender os camponeses do Béarn com base em suas fotografias, performando os valores, pois o que é fotografado “não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais” (Bourdieu; Bourdieu, 2016, p. 34). A fotografia não serve apenas para registrar um ato individual mais o *ethos* de um grupo e que papel representa enquanto posa para o fotógrafo. Aquela pose é mais que um gestual, é uma incorporação de uma disposição aprendida na relação com o outro.

Esse olhar treinado do pesquisador para analisar o incorporado e objetivado foi importante não apenas para compreender o distante (Argélia), mas o familiar (Béarn), a dor e o desenraizamento dos argelinos, bem como a falta de perspectiva de conseguir um bom casamento do celibatário do Maciço dos Pirineus, de compreender a imagem de quem perdeu seus bens e seu gado na Cordilheira do Atlas, como a solidão e constrangimento de quem, mesmo com terra e com gado, não consegue uma companheira por não ter um corpo treinado nos movimentos modernos e poses atuais, por não ter incorporado a nova partitura muscular da modernidade, sendo visto como um corpo pesado (Bourdieu, 2006).

Corpos esses que carregam em si as antigas disposições, uma vez que o *habitus* de classe é “a estrutura unificadora do conjunto de disposições que supõe a referência prática ao futuro objetivo quer trate da resignação ou da vontade contra



a ordem atual” (Bourdieu, 2021a, p. 159). As composições e enquadramento fotográficos contribuíram para perceber isso e de uma forma como o *habitus* serve para compreender o “choque de civilizações” e o papel simbólico que o corpo tem na performance que os camponeses bearneses e argelinos desempenham na sociedade desencantada, com estruturas temporais e uma economia distintas das que haviam incorporado.

Nos horizontes das cordilheiras do Atlas e no maciço dos Pirineus, Bourdieu faz uso da fotografia, expandindo seus usos e conceitos. Sobre a prática do instantâneo fotográfico e do álbum de família, o autor afirma que tal prática, desde o seu início, diz respeito a um processo de autoconhecimento e a representação pessoal. As imagens fotográficas, especialmente aquelas que encontramos ilustrando os álbuns de família, muitas vezes seguem convenções rígidas que perpetuam mitos e ideologias familiares dominantes, como estabilidade e felicidade (Paula; Marques, 2010), que dificilmente passam por uma crítica mais apurada. Antigamente, na era analógica, as fotografias pessoais tinham a função principal de preservar a memória autobiográfica, sendo armazenadas em álbuns, caixa de sapatos, como um arquivo pessoal do registro do tempo.

Na esteira de Pierre Bourdieu, podemos entender a prática da fotografia como parte das práticas sociais que compõem a formação de identidades coletivas. Logo, a construção dos álbuns fotográficos exerce a “função normalizadora”, comparada pelo autor à função também exercida por uma lápide tumular, em uma espécie de “ritual de integração”, onde a característica distintiva das fotos de família não se dá pela qualidade pictórica, mas sim pela função que a rede de relacionamentos sociais a qual está associada, determina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Bourdieu não apenas se destaca por sua habilidade em articular estatística e o mundo empírico, mas também pela capacidade singular de estenografar grupos camponeses. Dentro desses grupos, as disposições eram meticulosamente construídas conforme modelos herdados e um *ethos* compartilhado, evidenciado nas dinâmicas de trabalho e convivência diária.

Em ambas as pesquisas, tanto na Argélia quanto no Béarn, Bourdieu demonstrou notável sensibilidade ao perceber as profundas transformações pelas quais os sujeitos estavam atravessando. Essas mudanças transcendiam não apenas a posse da terra e as práticas agrícolas, mas penetravam em uma reviravolta social. Os desejos, modos de ser e de se relacionar com o mundo já não eram sustentados exclusivamente pelo *ethos* camponês. Agora, comportamentos eram mediados por disposições sociais e econômicas, desafiando a forma como percebiam a vida e o próprio corpo. Novas relações eram mediadas por questões econômicas, hierarquizando, utilizando e apresentando esses corpos publicamente, influenciados pela moda, pelo consumo e pelas limitações impostas.

Ser camponês no Béarn e na Argélia implicava lógicas distintas diante de um mundo em constante transformação, com uma compreensão única da passagem do tempo e das estruturas econômicas, diferentes das gerações anteriores. Essa mudança na estrutura da classe não apenas impactava as relações de parentesco e hierarquia familiar, mas também introduzia uma nova perspectiva de pensamento temporal e voltada para o futuro. Para Bourdieu, o futuro só era possível mediante cálculos, economias e investimentos no tempo que se avizinhava, mesmo diante de salários baixos e instabilidade no trabalho.

A relevância do trabalho de Bourdieu ganha destaque ao revelar que, na lógica da racionalização, as trajetórias de vida de sujeitos historicamente situados estão intricadamente envolvidas. Ele destaca que a adoção da moeda como mediadora nas relações sociais contribuiu para uma sociedade desigual, questionando a teoria *Homo-Economicus* diante das discrepâncias nos modos de vida dos argelinos.

Sua abordagem minuciosa detalha os modos de incorporação das categorias econômicas, examinando variações dissonantes em função da posição dos agentes na escala social. A oposição ao modelo neoclássico da economia é evidente ao enfatizar que as disposições econômicas fundamentais não são exógenas. Bourdieu destaca as condições sócio-históricas do comportamento econômico racional, colocando o *habitus* no epicentro da discussão. Sua pesquisa de campo revela especificidades que desconstróem a ideia de universalidade na pré-lógica, ressaltando a transição para uma lógica prática realizada pelos agentes em uma economia socialmente situada em um campo simbólico. Essa descoberta foi o catalisador para sua ruptura com o paradigma estruturalista, adotando uma perspectiva centrada na estratégia.



Concluimos, portanto, que o legado de Bourdieu transcende os limites da teoria sociológica ao proporcionar uma compreensão mais profunda das interseções complexas entre estruturas sociais, ação individual e mudanças históricas. Sua abordagem multifacetada não apenas contribui para o entendimento dos fenômenos sociais, mas também desafia paradigmas estabelecidos, enriquecendo o campo da sociologia com uma visão mais dinâmica e contextualizada.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. 2ª revisão aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2021a.

_____. **O baile dos celibatários**: crise da sociedade camponesa no Béarn. São Paulo: Editora Unifesp, 2021b.

_____. Retour sur l'expérience algérienne. *In*: Maxime QUIJOUX. **Bourdieu et le travail**. Presses universitaires de Rennes Année d'édition: 2015, p. 91-95

_____. A terra e as estratégias matrimoniais. *In*: _____. **O senso prático**. 3ª ed. RJ: Vozes, 2013.p. 244-265.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. ed. 11. Campinas, SP: Papirus, 2011.

_____. **Poder Simbólico**. ed. 12. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política** Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

_____. **Esboço de uma autoanálise**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 26, p. 31-39, jun. 2006.

GARCIA JÚNIOR, Âfranio R.; GARCIA-PARPET, Marie-France. Mudança social sob a ótica de etnografias conjugadas a métodos estatísticos: ferramentas de Pierre Bourdieu em mundos rurais na Argélia e no Nordeste do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 30 n. 2, p. 1-31, jul. a dez. de 2022. DOI: https://doi.org/10.36920/esa-v30-2_st02 Acesso em: 10 jan. 2024.

GARCIA-PARPET, Marie-France. A Gênese Social do Homo-Economicus: A Argélia e a Sociologia da Economia em Pierre Bourdieu. **Mana** 12(2): 333-357, 2006.

PAULA, Silas de; MARQUES, Kadma. A imagem fotográfica como objeto da sociologia da arte. **Revista de Ciências Sociais**, v. 41 n. 1 (2010). Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/472> Acesso em: 18 jan. 2024.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 26, p. 13-29, jun. 2006.

